

RESISTIR, FESTEJAR:

TICO TICO SERRA COPO, AÇÃO DIRETA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO
NO CARNAVAL CONTEMPORÂNEO DE BELO HORIZONTE

RESIST, CELEBRATE:

TICO TICO SERRA COPO, THE DIRECT ACTION AND APPROPRIATION OF SPACE IN THE CONTEMPORARY
CARNIVAL OF BELO HORIZONTE

CARLOS EDUARDO FRANKIW DE ANDRADE

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Humanidades Direitos e Outras Legitimidades,
São Paulo, SP, Brasil

R E S U M O : O presente artigo tem por objetivo analisar aspectos da retomada do carnaval de rua de Belo Horizonte nos anos recentes, a partir da interpretação dos sentidos políticos imersos na atuação de um de seus blocos carnavalescos contemporâneos. Para tanto, parte-se de uma leitura que busca enquadrar suas intervenções festivas sobre o espaço urbano e sua relação com os poderes públicos a partir do conceito político de Ação Direta. Os sentidos políticos desdobrados do cruzamento desse conceito com a atuação desse sujeito permitem traduzir sua manifestação cultural como perpassada por uma perspectiva singular de apropriação dos espaços da cidade para resistência e transformação.

P A L A V R A S - C H A V E : carnaval; ação direta; apropriação de espaços urbanos; resistência urbana; direito à cidade.

A B S T R A C T : *The present article aims to analyze certain aspects regarding the return over recent years, of street carnival to Belo Horizonte, by interpreting the political messages immersed in the performances of one of the city's contemporary carnival blocks. For this, the author has undertaken an analysis of their celebrative intervention within the city's urban spaces, and of their relationship with the public authorities through the political concept of Direct Action. The political meanings revealed by the intersection of their performance and this concept have allowed the translation of this cultural intervention as one permeated by the singular perspective of appropriating the city's spaces for resistance and transformation.*

K E Y W O R D S : *carnival; direct action; appropriation of urban spaces; urban resistance; right to the city.*

INTRODUÇÃO

No dia 4 de fevereiro de 2015, a versão *online* do jornal *Estado de Minas* publicou uma reportagem referente às preocupações dos poderes públicos em relação à realização do carnaval de Belo Horizonte. Na reportagem, lê-se:

PM teme que blocos ‘escondidos’ coloquem segurança do carnaval de BH em risco

[...]

Os blocos não cadastrados podem colocar em risco a estratégia da Polícia Militar para garantir a segurança no carnaval. É o que avalia o novo chefe do Comando de Policiamento da Capital (CPC), coronel Cícero Leonardo da Cunha, que tomou posse ontem. “Estamos nos preparando para um evento com cerca de 1,5 milhão de pessoas. Nossa preocupação é com os blocos que não estão divulgando seus eventos”, afirmou.

[...]

Até ontem à noite, a Belotur somava 164 blocos cadastrados, que vão contar com o apoio logístico da administração municipal – o que inclui o esquema de policiamento. Com esses dados em mãos, o coronel Cícero Cunha diz que vai analisar o perfil de cada bloco para definir o número de militares que serão destacados.

Segundo o oficial, serão levadas em conta as características de cada evento e o histórico de ocorrências nos locais de folia. “A maior dificuldade é em relação aos blocos não cadastrados, que não estão divulgando quando e de onde vão sair, o que impede traçar uma estratégia de policiamento. Os organizadores desse eventos têm responsabilidade em caso de ocorrências”, afirmou. A expectativa é de que 200 blocos animem os foliões em BH, e a Belotur ainda espera novos cadastramentos (HEMERSON; LOPES, 2015).

Dentre os elementos acerca do carnaval belo-horizontino de 2015 levantados pela reportagem, encontram-se: a estimativa de um público recorde a tomar parte nos festejos da cidade e a existência de 164 blocos que se cadastraram junto à Prefeitura Municipal, conjugada à expectativa de que esse número viesse a aumentar ao longo dos dias seguintes. A matéria encerra fazendo menção a outras duas preocupações dos poderes públicos locais acerca do carnaval: as festividades que dar-se-ão em lugares próximos a edificações tombadas ou cartões-postais da cidade; as negociações em andamento para a delimitação de horários de festejos em bairros de grande concentração residencial, caso de Santa Tereza, situado na regional Leste da capital mineira.

Entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015, a imprensa belo-horizontina publicou diversas reportagens em versão impressa e virtual referentes ao carnaval local. Tais matérias traziam informações como: a existência de pacotes turísticos à venda para o feriado em Belo Horizonte (RIGUEIRA, 2015); a possibilidade de que seu carnaval viesse a atrair um público que tradicionalmente festeja em cidades interioranas do Estado (LOPES, 2015); o cadastramento pela Prefeitura de vendedores ambulantes para comercializarem produtos nos espaços oficiais de festejos (CRUZ, 2015). Ainda assim, chama atenção na reportagem acima o destaque dado àquilo que parecia ser a maior preocupação dos poderes públicos: a existência de blocos carnavalescos que optaram por não fazer seu cadastro em 2015, não lhes havendo fornecido dados como local, data e horário de concentração ou a trajetória de seus desfiles.

Ao longo do início de 2015, foi constante a publicação pela imprensa local de artigos contendo preocupações similares da parte dos poderes públicos atuantes na

cidade. As falas de representantes dessas instituições parecem delinear um imaginário então compartilhado, pautado pela associação entre livre uso dos espaços públicos da cidade durante o carnaval a tumultos e depredações. Um dos motivos que possa ter servido para alimentar esse imaginário talvez se encontre na disposição desses blocos de realizar atividades como a relatada na reportagem abaixo:

Temporada de ensaios abertos para o Carnaval é intensificada em BH

A temporada de ensaios abertos para o Carnaval de Belo Horizonte está sendo intensificada a partir deste fim de semana. [...] No próximo dia 19, serão retomados os ensaios do Pena de Pavão de Krishna.

“O carnaval de Belo Horizonte nasce com a retomada do uso da rua de maneira democrática. Os blocos, como o Praia da Estação, demonstram a importância do espaço público como um lugar do encontro”, diz Flora Rajão, uma das idealizadoras do Pena de Pavão. Ela ressalta que o carnaval nasceu de maneira espontânea e não é algo do poder público, mas da sociedade civil.

[...]

Ontem, o primeiro ensaio do Baianas Ozadas movimentou o Largo da Saideira, no Bairro União, na Região Nordeste. Cerca de 200 integrantes do bloco, de todas as belezas e de várias tribos, se reuniram para acertar o passo e a bateria e não fazer feio nas ruas da cidade. A produtora Renata Chamilet espera uma festa ainda mais bonita. “A expectativa para este ano é fazer um carnaval mais alegre, uma festa da diversidade. Esperamos passar pela cidade sem atrapalhar tanto o trânsito e a vida de qualquer pessoa”, acredita (CRUZ; COUTINHO, 2015).

Fazendo uso de espaços designados pela Prefeitura para ensaios abertos¹ ou se apossando livremente de lugares como a Praça da Estação, parte dos blocos carnavalescos de Belo Horizonte parece ter como um dos vetores fundamentais de seus desfiles ocupar autonomamente espaços públicos para fins lúdicos. Na reportagem, suas falas parecem iluminar alguns dos sentidos à relação que estabelecem com a cidade: o de que o ocupar momentâneo de espaços públicos durante seus festejos implicaria não só num democratizar de usos, mas também na transformação desses locais em áreas de vivência comum pela via do lúdico, independentemente de quaisquer restrições dos poderes públicos.

Essa disposição explícita de articuladores de parte dos blocos carnavalescos de Belo Horizonte parece trazer consigo uma disposição experimental de praticar elementos daquilo que Henri Lefebvre denomina como Direito à Cidade.

Na concepção de Lefebvre, tal direito seria uma espécie de constelação de direitos imersos na possibilidade de vivência humanizada da cidade, conjugando o “direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à *apropriação* (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade” (LEFEBVRE, 2001, p. 135). No que tange ao que seriam dimensões específicas do uso lúdico da cidade, Lefebvre considera que a aparente desordem de ocupar as ruas para tais finalidades revelaria uma espécie superior de ordenamento pela prática, na qual “na rua, e por esse espaço, um grupo (a própria cidade) se manifesta, aparece, *apropria-se* dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado” (LEFEBVRE, 1999, p. 30). Segundo esse autor, o espaço-tempo oriundo de tais práticas teria como marca distintiva aparecer

¹ O Largo da Saideira foi um dos espaços designados pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte para que blocos carnavalescos cadastrados na municipalidade pudessem marcar ensaios abertos durante o carnaval de 2015.

[...] como *diferencial*: cada lugar e cada momento não tendo existência senão num conjunto, pelos contrastes e oposições que o vinculam aos outros lugares e momentos, distinguindo-o. Esse espaço-tempo se define por propriedades *unitárias* (globais: constitutivas de conjuntos, de grupos em torno de um *centro*, de centralidades diversas e específicas), assim como por propriedades *duais*. Por exemplo: a rua é uma *ruptura-sutura*. [...] Para definir tais propriedades do espaço diferencial urbano (do tempo-espaço), introduzimos conceitos novos, como *iso-topia* e *hetero-topia*, completados pelo de *u-topia*. (LEFEBVRE, 1999, p. 45, grifo do original).

Ao se debruçar sobre as especificidades da retomada recente do carnaval belo-horizontino de rua a partir de um de seus atores, este artigo tem por intenção interpretar suas intervenções urbanas, aproximando-as ao conceito lefebvriano de **apropriação do espaço**, em particular a partir de sua dimensão lúdica. De modo a caracterizar as dimensões de autonomia de suas intervenções urbanas perante o poder público local, procurar-se-á aqui traduzir tais práticas como imersas em perspectivas próprias ao conceito de *ação direta*, enfocado como instrumento de atuação política para fins de resistência e transformação.

Tendo por sujeito de estudo os desfiles do Bloco Tico Tico Serra Copo e as falas de seus articuladores e foliões ao longo dos últimos anos, é intenção deste artigo caracterizar suas manifestações como formas de **apropriação itinerante de espaços urbanos** de Belo Horizonte, por meio do uso de práticas de **ação direta**.

AÇÃO DIRETA, CARNAVAL E RESISTÊNCIA EM BELO HORIZONTE

A **ação direta** tem por origem circunscrever formas de agitação política e social para fins de resistência e transformação desenvolvidas pelo movimento anarquista e sindicalista europeu durante a segunda metade do século XIX. Tais formas singulares de agitação fundamentavam-se pela perspectiva de construção e materialização de iniciativas de contestação dotadas de relativa autonomia perante as instituições de poder dominantes. De acordo com Adonile Guimarães (2009, p. 15), era próprio a essas concepções originárias imbricar violência revolucionária, agitação transformadora e pedagogia pela prática:

Assim, a ação direta foi tanto uma pedagogia operária quanto uma violência revolucionária, mas de forma imbricada e relacional, quando se manifestava estrategicamente como pedagogia operária, persuasão; a ação direta também não desconsiderava a violência que ficava, assim, em estado latente. Da mesma forma, quando representada na violência revolucionária, a propaganda pelo exemplo constituir-se-ia também em uma pedagogia cotidiana expressa nos atos, nas condutas do militante, como a autonomia.

[...] A meu ver, a transformação do agir político autônomo em uma conduta ética é a estratégia da ação direta, uma maneira de desconstruir a divisão política entre governantes e governados, entre dominantes e dominados, enfim, entre representantes e representados. Na perspectiva da ação direta, o agir político sai dos lugares de poder próprio do regime democrático liberal para habitar (à maneira dos nômades) cada indivíduo autonomamente.

Para Guimarães, encontrava-se nessa concepção política um agir tendo por perspectiva tanto estimular comportamentos ativos de contestação coletiva quanto abolir instâncias de atuação fundadas em separações e restrições hierárquicas. Também era importante para esses atores concebê-la como meio potencial de instauração de processos de emancipação contextualmente diversificados: pautavam-se por uma concepção militante embasada pelo incentivo ao seu uso em “todas as formas, as mais variadas, que lhes serão ditadas pelas circunstâncias, pelos meios, pelos temperamentos” (KROPOTKIN, 2005, p. 208).

A partir do início da segunda metade do século XX, as concepções políticas próprias ao conceito de **ação direta** passaram por todo um processo de releitura para propósitos de contestação.

Dentro do processo de ressignificação ocorrido nesse período, deteve especial importância o contexto delineado na América do Norte (GRAEBER, 2009) e na Europa Ocidental (KATSIAFICAS, 2006). Os sinais de esgotamento dos pactos sociais que regiam essas sociedades desde o Pós-Guerra (HOBSBAWN, 2001) e a crítica às alternativas representadas pelos regimes socialistas então vigentes teriam contribuído para a recuperação da **ação direta** e de outros princípios anarquistas de organização e mobilização política (LIBERATO, 2006). Nesse sentido, um dos aspectos próprios à releitura efetuada por contestadores de então encontra-se na expansão de esferas de aplicação dessa perspectiva política para além de sua ligação originária com lutas e movimentos de trabalhadores (LIBERATO, 2006; SOUSA, 2015).

Nessa expansão de contextos de aplicação da **ação direta**, dois fenômenos dessa época são de particular importância para os propósitos deste artigo. De um lado, a incorporação de perspectivas performáticas e lúdicas às ações de contestação de rua, a partir de práticas desenvolvidas pela Internacional Situacionista como a deriva e a psicogeografia (JACQUES, 2003): tais formas de apropriação sensível do urbano vieram a superar antigas tensões na relação entre cultura, festa e política própria às concepções anarquistas anteriores. De outro, a inovadora relação estabelecida entre este conceito e a criação de formas de organização pautadas pela aplicação tanto de princípios de potencial diluição de hierarquias quanto de práticas de democracia direta para deliberação e atuação coletiva (GRAEBER, 2009).

Esses dois elementos vieram a se tornar fundamentais para as dimensões renovadas de uso de práticas de **ação direta** no contexto iniciado a partir dos anos 1990, em particular entre contestadores inseridos nos movimentos de resistência aos contornos hegemônicos da globalização (LIBERATO, 2006). De um lado, esse período foi cenário da inserção de usos radicais da festa para fins de intervenção contestatória urbana, caso demonstrado pelas apropriações espaciais desenvolvidas pelo movimento *Reclaim The Streets* no Reino Unido (LUDD, 2002). Por outro, foi nesses anos que se deu a incorporação de novas tecnologias de informação e comunicação, fundamentais na disseminação contemporânea das concepções de contestação desenvolvidas por estes atores (SANTOS, 2013).

No que tange às relações com essas tecnologias, é importante notar concepções conferidas ao seu uso para além da divulgação de atividades em redes sociais corporativas ou em plataformas próprias. No caso, pode-se dizer que tais ferramentas têm tido papel preponderante na estruturação de relações horizontais imersas nas práticas urbanas contestatórias desenvolvidas por esses ativistas, a partir da exploração de seus potenciais interativos singulares (CASTELLS, 2013).

Essas características próprias à contestação contemporânea também teriam influência sobre um último aspecto concernente às concepções atuais de **ação direta**: sua dimensão prefigurativa (SARAIVA, 2010). Tal perspectiva fundar-se-ia na estratégia de fazer de suas intervenções formas de instauração de espaços inspirados na experimentação momentânea de aspectos intrínsecos às transformações que almejam. Assim sendo, de acordo com Carlos André dos Santos, tal concepção política teria por panorama partir de “uma ação construída no cotidiano através de práticas e vivências coletivas, que tem como objetivo seguir os princípios libertários no presente e não apenas após uma revolução social” (SANTOS, 2013, p. 69).

Foi a partir da conexão entre esses elementos contemporâneos de contestação que a **ação direta** veio a ser incorporada no arcabouço de ativistas belo-horizontinos no início dos anos 2000.

De acordo com Oliveira (2012), tal inserção se deu a partir da adoção de práticas inspiradas pela dimensão política singular desse conceito por parte de coletivos anarquistas e autonomistas então atuantes na cidade. Foi a partir desses atores que Belo Horizonte virou palco, na época, de efêmeras intervenções urbanas de caráter contestatório: além de promoverem encontros em eventos como o *Carnaval Revolução*², tais coletivos incorporaram ao seu arcabouço de atuação a promoção de diversas manifestações culturais por meio de festivais alternativos em ruas e praças, além do uso desses espaços para performances artísticas de contestação conectadas a questões locais. Outro fator a impulsionar e disseminar práticas de **ação direta** na cidade para além desses atores se encontra no efeito de determinadas medidas adotadas pela administração Márcio Lacerda (2009-2016), em particular no que tange ao corte de verbas ao setor cultural local e à imposição de restrições de uso de espaços públicos na região central da capital mineira.

Tais medidas influenciaram fortemente numa tensa aproximação entre esses dois atores, que veio a se materializar em janeiro de 2010 com os eventos conhecidos como *Praias da Estação*: ocupações de protesto lúdico da Praça da Estação, na região central da cidade, em contestação pela prática ao decreto municipal nº 13.798, que previa a proibição de atividades de qualquer natureza nesse local. A confluência desdobrada por esse contato criou um cenário em que centenas de jovens, artistas e militantes políticos dedicavam as tardes dos sábados do verão de 2010 para irem à Praça. Literalmente vestidos com roupas de banho – e se banhando ou nas águas de suas fontes ou através da chamada de caminhões-pipa –, transformavam este local em uma praia em meio a uma cidade distante em 500 quilômetros do litoral brasileiro³.

A dinâmica ali instaurada entre sociabilidade lúdica e protesto político parece ter tido impacto direto sobre as dimensões específicas das práticas sócio-espaciais de um dos atores aqui investigados: parte dos blocos carnavalescos de rua que aos poucos começavam a ser fundados em Belo Horizonte desde 2008, paralelamente ao aparecimento das *Praias*. Dentre os blocos influenciados por esses eventos se encontra precisamente o Tico Tico Serra Copo.

Conforme salienta Albuquerque (2013), mais um fator próprio às *Praias* que pode ter influenciado na dinâmica posterior desses blocos se encontra em seu aspecto comunicacional: faziam amplo uso da virtualidade para a divulgação de atividades e debates sobre suas ações. Para os propósitos deste artigo, tais considerações são de suma importância: justificam a opção de privilegiar tal tipo de fonte tanto para contextualizar o olhar do poder público quanto para recuperar os significados polí-

² Os *Carnavais Revolução* eram encontros promovidos por coletivos locais entre os anos de 2000 e 2005 atraindo militantes de todo o país para a realização de palestras, oficinas e trocas de experiência ativista. Esse evento igualmente contava com um bloco carnavalesco de protesto formado por seus participantes.

³ Mesmo após a revogação do decreto ainda em 2010, as *Praias da Estação* continuaram a ocorrer nesta localidade ao longo dos anos, adotando aspecto mais voltado à momentânea constituição de um espaço lúdico de sociabilidade no período pré-carnavalesco do que à dimensão política que lhe deu origem.

ticos conferidos por seus articuladores e foliões às suas manifestações. Conforme visto acima, cumpre ressaltar que a escolha desse tipo de documentação igualmente se fundamenta na importância atual da relação entre a materialização de intervenções urbanas contestatórias e virtualidade, principalmente no que se refere à especificidade de disseminação de informações propiciada pela última. Embasada na horizontalidade existente em plataformas de acesso comum como páginas públicas e redes sociais virtuais, tal tipo de disseminação tem sido elemento crucial de obtenção de apoio popular à concretização de mobilizações sócio-espaciais por contestadores contemporâneos (CASTELLS, 2013).

Tendo em vista as singularidades do cenário político e cultural recente da cidade acima descrito, a **ação direta** torna-se um conceito privilegiado para a compreensão dos comportamentos de **apropriação do espaço** adotados por alguns dos blocos carnavalescos locais. De modo a melhor delimitar seu uso neste artigo, esse conceito será utilizado menos em sentido de caracterização organizacional e mais na recuperação das dimensões políticas singulares com a qual esses atores revestem suas manifestações carnavalescas com um caráter de explícita contestação urbana.

Após décadas de imersão em um processo de progressiva invisibilidade (PEREIRA FILHO, 2006), o carnaval de rua de Belo Horizonte veio a conhecer novo impulso em fins da década de 2000. Foi nessa época que pequenos grupos de amigos da classe média local que permaneceram na cidade durante o carnaval começaram a se organizar para montar improvisados blocos carnavalescos, que desfilavam nas ruas de bairros da região Centro-Sul da capital mineira. Através das articulações que esses blocos teceram com outros cenários de contestação urbana local no passar dos últimos anos, o carnaval de rua belo-horizontino veio a apresentar significativo crescimento: ano após ano veio a aumentar o número de blocos e seu público, implicando numa descentralização das festividades, que atualmente englobam praticamente todas as regiões da cidade. Dentre os blocos que vieram a surgir na cidade nos primeiros anos desse contexto de retomada⁴, encontra-se precisamente o Tico Tico Serra Copo: fundado em 2009, era originalmente uma dessas agremiações formadas por amigos pertencentes à classe média local.

Da parte daqueles que foram alguns de seus primeiros articuladores informais, rememorar a retomada do carnaval de rua de Belo Horizonte parece igualmente oportunidade de relembra os atritos constantes existentes entre a festividade e as regulações da Prefeitura Municipal. Tal perspectiva parece ser compartilhada por Roberto Andrés, professor de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e um dos articuladores do Bloco Tico Tico Serra Copo. Comentando tais disputas a partir de uma declaração do prefeito Márcio Lacerda, Andrés traça um breve histórico dos festejos belo-horizontinos e seus embates:

O PREFEITO E OS LIBERTICIDAS

O prefeito de BH, Marcio Lacerda, disse ontem que, apesar dos “liberticidas”, o carnaval na cidade não pode ser espontâneo porque afeta os direitos dos outros. A frase é curiosa, especialmente vinda de quem vem, um libertário especialista em respeitar direitos. Antes de ir a ela, convém um breve histórico.

O carnaval de BH nasce e vive graças à ação espontânea de pessoas. O poder público, quando entrou, serviu mais para atrapalhar ou desvirtuar, quando deveria ser somente

4 Ainda que o reaparecimento de blocos carnavalescos de rua em Belo Horizonte possa ser datado de 2005 (DIAS, 2015), a efetiva primeira expansão ocorrida nesse contexto de retomada deu-se entre os anos de 2008 e 2010.

suporte. Em 2009 e 2010, a prefeitura ignorou a festa que vinha sendo feita. Em 2011, decidiu combatê-la. Mandou a polícia descer o pau: pouco importa se a fantasia era de rei, pirata ou marinheiro, foliões e folionas tomaram cacete e bomba de gás lacrimogênio. Nos anos seguintes, a prefeitura tentou cooptar a festa e moldá-la a sua maneira (claro que sem nenhuma compreensão das suas características). Vendeu o direito de se fazer comércio nas ruas para uma marca de cerveja (pode, Arnaldo?), montou palcos aqui e acolá e esbanjou em publicidade [...].

Acontece que, a despeito da PBH, o carnaval continuou a ser pautado pelo povo. Ou alguém que criou um bloco ou decidiu ficar na cidade o fez pela inebriante propaganda da prefeitura? Pelas falas sexies do prefeito ou do presidente da belotur? O ano de 2015 confirma que quem conduz a folia na cidade é a rede anárquica e deliciosa de um tanto de gente que puxa bloco, que toca, que inventa fantasia, que reinventa a cidade em seu ocupar pedestre (ANDRÉS, 2015).

O texto de Roberto Andrés desenha um quadro de conflito intermitente entre a Prefeitura e seus moradores em torno do ressurgimento recente do carnaval belo-horizontino.

Ao que parece, sua leitura passa a ideia da existência de duas temporalidades na relação do poder público com o carnaval de rua, ambas tendo em comum a tentativa de estabelecer instâncias autoritárias de controle sobre o caráter autônomo dessa manifestação da sociedade civil local. Inicialmente, a Prefeitura ter-se-ia pautado ou pela indiferença ou pela tentativa de simplesmente reprimir o carnaval de rua da cidade. Um segundo contexto ter-se-ia se dado a partir de 2012, quando o poder público teria reordenado sua relação com os festejos a partir de todo um arcabouço de medidas buscando seu controle e cooptação, em iniciativa conduzida sem qualquer tipo de diálogo com aqueles que vieram a retomar as festas carnavalescas locais.

Um dos acontecimentos citados por Andrés – a concessão dos direitos de exploração comercial do carnaval da cidade para uma multinacional de bebidas sob a forma de patrocínio oficial para 2015 – gerou tamanha repercussão negativa entre parte do público e dos articuladores dos blocos locais que os motivou à publicação de uma nota de repúdio. Na nota publicada em 24 de fevereiro de 2015 e posteriormente endossada por 51 blocos carnavalescos belo-horizontinos lia-se:

Desde 2009, o Carnaval de rua de Belo Horizonte vive a olhos nus uma intensa transformação que, de forma independente, sem chancelas ou patrocínio, reinventa tradições e faz pensar a cidade que queremos. Anarquicamente maravilhoso, nosso Carnaval tem se tornado um sublime momento do ano em que, em meio à ocupação festiva do espaço público, buscamos ressignificar a relação com a cidade e com o outro, bem como contestar políticas danosas ao bem-estar social. E com um detalhe importante: é feito do povo e para o povo, como deve ser o Carnaval.

E o povo consegue fazer sua festa mesmo quando não conta com o auxílio do Estado – e sem precisar recorrer a afagos de megaempresas privadas para tornar sonhos realidade. [...] Os blocos são feitos com o suor e a dedicação de quem quer transformar a cidade, e que já tem sua recompensa ao ver e viver um Carnaval brilhante como o de 2015. Contra tudo o que afirma hoje o prefeito dessa capital, queremos sim um carnaval sem cordões, sectarismo e moralismo, lutando pelas liberdades individuais, pelo direito à moradia e ao transporte gratuito, pela desmilitarização da polícia, por uma política de drogas mais

humana, contra o racismo, o machismo, a homofobia, a higienização e a privatização do espaço público.

É o Carnaval do amor, sim. Mas também é Carnaval de luta.

[...] O Carnaval de BH não cederá a lobbys de megaempresas nem de órgãos públicos que colocam em risco uma festa tão plural e espontânea, feita com o pulso firme do povo, que clama por uma cidade mais justa, livre e igualitária.

A apropriação não passará! (CARNAVAL DE RUA BH, 2015).

Dentre os 51 blocos que vieram a endossar essa nota, predomina a diversidade de expressão carnavalesca: entre blocos surgidos no início da retomada do carnaval e aqueles fundados mais recentemente; entre os que concentram seus desfiles em regiões centrais e aqueles que o fazem em áreas periféricas de Belo Horizonte; entre os que se cadastraram na Prefeitura e os que não o fizeram; entre agremiações que se mantiveram na informalidade quanto a desfile e repertório e quem optou no passar do tempo em construir identidade visual e musical visando maior uniformidade expressiva. Entre seus signatários encontravam-se alguns dos primeiros blocos carnavalescos locais surgidos nesse contexto, que inspiraram a fundação de muitos dos mais de duzentos blocos que participaram do carnaval de 2015.

Em larga medida, falas como a de Roberto Andrés ou o endosso a esta nota por parte de muitos dos blocos locais permitem a compreensão de um sentido partilhado de conflito e resistência perante a municipalidade. Suas falas igualmente auxiliam na interpretação aqui estabelecida acerca da atitude de materializarem suas manifestações carnavalescas à revelia de qualquer ajuda ou regulamentação por parte da Prefeitura de Belo Horizonte: seriam formas de **apropriação do espaço** da cidade através de práticas de **ação direta**.

Particularmente no que tange ao Tico Tico Serra Copo e aos blocos de estruturação mais informal, é fundamental delimitar algumas das especificidades de seus desfiles. Quanto a isso, eles podem ser descritos como uma espécie de amálgama singular daquilo que Roberto Da Matta, em sua leitura ensaísta do carnaval do Rio de Janeiro, chama de “blocos de empolgação” e “blocos sujos”. Tais blocos, ao constituírem uma formação relativamente espontânea em desfiles fundamentados em itinerários razoavelmente livres, parecem mesclar, de um lado,

[...] o sentido do “poder do bloco”, quando é capaz, durante o desfile, de virtualmente, possuir, *embalar* ou *empolgar* os espectadores, motivando-os a uma integração com os seus membros e, por causa disso, podendo liquidar a separação entre os desfilantes (atores) e os assistentes (DA MATTA, 1997, p. 126-127).

E, de outro, em seu sentido contestador, pela atitude explícita de enfrentamento com o poder público local para poderem “fazer alguma *sujeira*, isto é, alguma brincadeira de mau gosto, alguma piada prática ou agressiva” (DA MATTA, 1997, p. 127). No caso belo-horizontino, tal “brincadeira de mau gosto” seria sua própria disposição de resistirem às medidas de controle espacial que parecem fundamentar a Prefeitura e sua relação com a festa.

No que tange ao Tico Tico Serra Copo, pode-se dizer que adota uma caracterização que seria uma espécie de mescla dessas definições de Da Matta⁵: apesar de deter estandarte próprio, não faz uso de algum tipo específico de fantasia, indumentária ou

5 O conjunto de informações utilizadas acerca desse bloco é oriundo da pesquisa de campo realizada nos desfiles dessa agremiação durante os carnavais de 2015 e 2016. O autor igualmente tomou parte em todos os desfiles desse bloco entre 2010 e 2014 na qualidade de folião.

cores como forma de singularizar seus foliões ou seus desfiles; a organização de sua bateria parece ser informal, aparentando formar-se na base de quem compareça com instrumentos e no revezamento de instrumentistas; a maior parte de seus instrumentistas ou toca em outros blocos durante o carnaval e o pré-carnaval, ou toma parte em ensaios que se realizam em espaços públicos como a própria Praça da Estação; o repertório que tocam igualmente parece dar-se sem nenhum tipo de ordenamento temático prévio ou específico, e procura misturar *hits* de samba, *axé music*, marchinhas tradicionais brasileiras e marchinhas locais compostas ao longo dos últimos anos da retomada do carnaval de rua de Belo Horizonte; seus festejos costumam ocorrer nos domingos de carnaval, indo do início da tarde ao início da noite; quanto ao público, em média, costuma ficar na casa das centenas, sendo composto em grande parte por foliões da classe média local e em menor parte pelos habitantes dos locais onde desfila.

Tendo em vista essa descrição de sua manifestação carnavalesca, pode-se afirmar que o que o singularizaria se encontra fundamentalmente na intenção contestatória existente na relação entre seus desfiles e seus locais de ocorrência. Ou seja, esse bloco parece materializar em seus desfiles formas de **apropriação do espaço** a partir de práticas de **ação direta** em sentido de explícita resistência perante as dimensões dominantes daquilo que se apropria. Suas manifestações aparentam subverter o cotidiano das ruas em favor de usos momentaneamente transformadores: as reconfiguram como espacialidades lúdicas, pautadas pela sonoridade e pela livre linguagem corporal da dança, pelo improvisado ou esmero em suas fantasias e pela potencialidade de vivências coletivas, possibilitada pela experiência de estar em seus desfiles.

Descrever seus festejos e a postura de seus participantes como praticantes de intervenções também embasadas em aspectos de **ação direta** torna-se aqui, portanto, uma forma de compreensão que contemple as especificidades contestatórias da escolha de locais que se apropriam para a realização de seus desfiles. Assim sendo, tal entendimento permite igualmente contemplar a ligação entre seus festejos com dimensões de resistência perante o poder público local, encarnada pela perspectiva de ocorrerem independentemente ou em explícita contraposição às suas regulações sobre o carnaval de Belo Horizonte.

Seria nesse uso explícito de aspectos da *ação direta* como instrumento para fins de resistência e transformação do espaço urbano da cidade que se fundamentam algumas das características mais singulares dos desfiles do Bloco Tico Tico Serra Copo ao longo dos anos.

TICO TICO SERRA COPO E A APROPRIAÇÃO ITINERANTE DE ESPAÇOS URBANOS EM BELO HORIZONTE

No dia 12 de fevereiro de 2015, a página do Bloco Tico Tico Serra Copo na rede social *Facebook* anunciava o local de concentração de seu desfile da seguinte maneira:

Atenção atenção, foliá e folião!

O tradicional bloco TICO TICO SERRA COPO tem a honra de anunciar que, em 2015, voaremos soltos pelo (tá tá tá tá...)

São Geraldo!!

A concentração começa às 12h30, na praça, domingo.

Vem! (TICO TICO SERRA COPO, 2015).

Na página do bloco, apenas essa e mais uma postagem no dia seguinte, contendo uma foto do Ribeirão Arrudas indicando que seus festejos passariam por suas margens, serviram para a divulgação do local onde se realizaria seu desfile no carnaval de 2015. Após o desfile, essa página compartilhou fotos publicadas por seus participantes e uma notícia sobre seus festejos, veiculada na versão virtual do jornal *O Tempo*. Na notícia, lê-se:

Tico-Tico Serra Copo faz desfile o São Geraldo em comunhão com moradores [...] O Bloco Tico-Tico Serra Copo desfilou neste domingo pela ruas do bairro São Geraldo, na região leste da capital, mantendo a tradição de a cada ano passar um local diferente da periferia da grande BH. Composto em sua maioria por jovens, o grupo foi reforçado pelas pessoas que saíam do bloco Pena de Pavão de Krishna e aproveitavam um ônibus, disponibilizado pelo movimento Tarifa Zero, para chegar ao local.

Crianças e idosos também se juntaram à festa com animação, ao som do batuque que vez ou outra entoava algum clássico da música brasileira. A proposta do bloco, segundo a socióloga Fátima Rodrigues, uma das entusiastas do movimento, é “experienciar outras BHs fora do eixo centro-sul”.

A interação com os habitantes da comunidade podia ser notada nas manguairadas, que os foliões recebiam satisfeitos, agradecendo pelo alívio do calor.

Para garantir a limpeza dos locais onde passavam, os foliões carregavam sacolas para recolher o lixo. Por não ser um bloco cadastrado na prefeitura, os participantes também tiveram que contar com a ajuda dos moradores para poderem ir ao banheiro (FRANÇA, 2015).

A notícia traz consigo diversos elementos que singularizam o tipo de **apropriação do espaço** praticada pelo Bloco Tico Tico Serra Copo em seus desfiles carnavalescos por Belo Horizonte: a existência de um ônibus disponibilizado pelo Coletivo Tarifa Zero, atuante em questões locais de mobilidade urbana, para o transporte gratuito de parte dos foliões; a atitude de construção de formas de interação espontâneas e lúdicas com os moradores das comunidades no entorno; a perspectiva de que seus festejos se realizam independentemente de qualquer apoio da Prefeitura; a decisão de experimentar pela prática “outras BHs fora do eixo centro-sul”, expressa pelo fato de seu desfile ter-se realizado nas imediações do bairro São Geraldo⁶; a informação de que existe uma variação de seus locais de desfile ano a ano que contempla áreas periféricas da malha urbana da cidade, o que ajuda a caracterizá-las aqui como formas de **apropriação itinerante de espaços urbanos**.

No ano de 2015, o desfile do Tico Tico Serra Copo começou no início da tarde de 15 de fevereiro: o Bloco partiu da Praça Santuário de São Geraldo e tomou rumo em direção à favela Mariano de Abreu; circulou por suas ruas e vielas e por cerca de uma hora festejou no campo de futebol de várzea local; por fim, desceu rumo a uma trilha de terra que liga o bairro às margens do Ribeirão Arrudas, onde encerrou seus festejos. No que tange à escolha dessa localidade por seus articuladores, é possível dizer que o histórico de formação da comunidade e sua proximidade com o Ribeirão

6 O bairro São Geraldo conta com cerca de 19 mil habitantes e situa-se nas extremidades da regional Leste do município de Belo Horizonte (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, s.d.).

Arrudas parecem ter motivado tal decisão. Tal escolha contemplaria duas dimensões: dar visibilidade aos problemas concernentes às obras da Prefeitura de encobrimento do curso do Ribeirão Arrudas na região central de Belo Horizonte (ANDRÉS, 2009); estabelecer laços com o histórico de décadas de lutas específicas travadas por essas comunidades em favor de melhorias públicas para a região (ARREGUY; RIBEIRO, 2008). Essas informações tornam factível inferir que, nas motivações possíveis de seus articuladores de realizar **apropriações do espaço** por meio de práticas de **ação direta**, encontra-se mais um aspecto: visibilizar e dialogar com outros contextos de luta e resistência existentes na cidade.

Tais características parecem igualmente estar presentes em desfiles ocorridos nos anos anteriores mais recentes. No dia 1º de março de 2014, por exemplo, o Bloco anunciava em sua página o local de realização de seu desfile com os seguintes dizeres:

Allô Bellô!

Hoje, DOMINGO, o Tico Tico Serra Copo sai no Aglomerado da Serra, comemora o 6º ano de saídas no nosso arraial e convida a todos para passearem por vilas, ruas, rádios comunitárias, parques abandonados e vielas cheias de gente linda.

O Tico Tico é um bloco espontâneo, que leva a vida no arame, e pode se orgulhar de nunca ter colocado seu nome na papelada da Belotur. Então não tem banheiro químico, mas todo mundo consegue se virar pelos barzinhos e na camaradagem da vizinhança.

A concentração será as 14h, na Praça do Cardoso.

[...] E bora carnavalizar o Aglomerado do Serra Copo! (TICO TICO SERRA COPO, 2014).

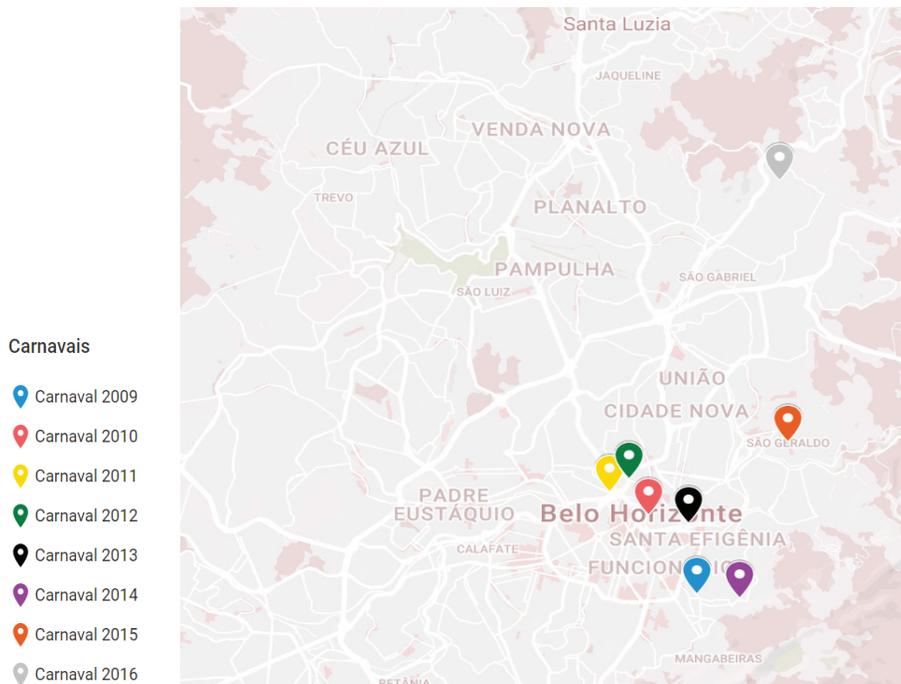
Variações como essa parecem ajudar a dar outros contornos para além da dimensão de **ação direta** que caracteriza a autonomia de sua manifestação de apropriação perante os poderes públicos locais. Cumpre notar, portanto, que a dimensão adotada pelo Bloco de **apropriação itinerante de espaços urbanos** em seus desfiles veio a crescer em complexidade ao longo dos anos.

Nesse caso, parece ser possível estabelecer três períodos de desenvolvimento da relação específica de **apropriação do espaço** que pratica. O primeiro seria aquele de seu desfile inaugural em 2009, marcado por uma dimensão absolutamente informal de encarar sua existência como reunião de pequeno grupo de amigos que decidiram por desfilar em ruas do bairro da Serra, na região Centro-Sul de Belo Horizonte. O segundo período, entre os anos de 2010 e 2012, seria marcado de um lado pelo início de relações implícitas com outros contextos de resistência pela cidade: em 2010, por exemplo, o Bloco desfilou entre o bairro Floresta e a Praça da Estação, paralelamente ao surgimento das *Praias da Estação*. De outro, foi nesse período que o Bloco deu início à sua dimensão itinerante, considerando que em 2011 e 2012, apresentou-se, respectivamente, entre a região do Baixo Centro e o bairro Lagoinha e entre o bairro Lagoinha e os bairros Concórdia e Colégio Batista⁷, buscando dar visibilidade a áreas consideradas degradadas da região central da cidade. O último período iria de 2013 até a atualidade e estaria marcado pela radicalização tanto de sua disposição de desfilar por periferias (Vila Dias em 2013; Aglomerado da Serra em 2014; São Geraldo em 2015; Ribeiro de Abreu em 2016⁸) quanto pela intenção de estabelecer diálogos com reivindicações dessas comunidades direcionadas aos poderes públicos.

⁷ Bairros situados na regional Nordeste do município de Belo Horizonte.

⁸ Comunidades situadas respectivamente nas regionais Leste, Centro-Sul, Leste e Nordeste do município de Belo Horizonte.

Figura 1: Mapa de parte da malha urbana de Belo Horizonte apontando os locais de desfile do Bloco Tico Tico Serra Copo, desde seu surgimento



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de imagem do Google Maps.

Considerando esse diversificado histórico de locais de desfile desde sua fundação, em 2009, pode-se dizer que o Tico Tico Serra Copo gradativamente veio a tornar-se uma complexa, radical e autônoma manifestação carnavalesca, fundamentada pela iniciativa explícita de praticarem **apropriações itinerantes de espaços urbanos** na cidade de Belo Horizonte.

CONCLUSÃO

A diversidade de lugares que serviram de palco ao longo dos anos para as momentâneas **apropriações itinerantes de espaços urbanos** do Bloco Tico Tico Serra Copo parece não somente desvelar a existência de tantas outras cidades no espaço urbano da capital mineira. Traz consigo igualmente uma perspectiva perpassada tanto pela contestação de suas desigualdades quanto pelo florescer autônomo de uma sensibilidade embasada por práticas de solidariedade para com quem de diversas formas resiste e insiste em transformar Belo Horizonte.

Conjuga-se também a um carnaval renascido das cinzas nas ruas e pelas ruas e que hoje enfrenta impasses e conflitos decorrentes de sua própria diversificação no passar do tempo: nesse sentido, sua atitude não deixa de resguardar as origens insubordinadas recentes de uma festividade que em seu espontâneo lúdico de subversão do cotidiano insiste em contrapor segregações e desmandos de quem governa Belo Horizonte. Autonomamente contestando esse cenário por práticas de **ação direta**, as especificidades dos desfiles do Bloco Tico Tico Serra Copo parecem transformar-se em formas de estabelecer radicais conexões com contextos variados de lutas em

andamento na cidade, permitindo caracterizá-las como **apropriações itinerantes de espaços urbanos**. E, considerando o histórico de uma cidade que, entre a espontânea alegria popular e a opressora tranquilidade do silêncio de suas ruas, sempre optou pela segunda via (PEREIRA FILHO, 2006), tais práticas parecem dar um passo além do reverenciar lutas populares e suas comunidades: ajudam a restituir a posse do carnaval belo-horizontino em favor daqueles que sempre foram seus legítimos e invisíveis protagonistas.

Por fim, talvez, mais do que insistir em interpretar as dimensões abertas por esse Bloco e suas especificidades ao longo dos últimos anos, valha a pena deixar fragmentos de um relato, datado do carnaval de 2013. Trata-se das lembranças de uma folia, acerca não só do Tico Tico Serra Copo, mas igualmente do que tem sido o carnaval belo-horizontino e seus sentidos em construção a cada ano:

“Se não posso dançar, esta não é a minha revolução.”

Esta frase, proferida pela anarquista russa Emma Goldman, é a primeira idéia que me vem à mente quando tento uma síntese para o carnaval de Belo Horizonte. O mote do pensamento não está inspirado apenas na experiência de 2013 como ato-revolução, mas nos últimos carnavais como parte constitutiva de um processo mais amplo de resistência política, desencadeado na cidade exatamente quando toma força um fluxo contínuo de ações ativistas promovidas de forma espontânea, criativa e horizontal por uma diversidade de pessoas e movimentos indignados com a postura claramente elitista, autoritária, abusiva e ilegal do atual prefeito [...].

[...] Me impressionou perceber o desdobramento das pessoas em vários blocos e funções, ora cantando, ora tocando, ora puxando a bateria, ora levando a bandeira, ora pedalando a bicicleta do som, ora servindo farofa aos parceiros, ora passando o chapéu para dar de beber aos músicos. Mas o melhor foi reconhecer essas pessoas de outros “carnavais”, ou melhor, de outros movimentos espalhados pelas cidades. Elas estão na Praia da Estação, no Fora Lacerda, no Ocupe a Câmara, nas ocupações urbanas como Dandara, Zilah Spósito e Eliana Silva com a população em luta pela moradia, nas pedaladas, nas Marchas das Vadias... sempre com a mesma disposição, de forma festiva. Indo além, acho que este ativismo vigoroso em BH expressa exatamente o que o Brasil demanda em termos de engajamento político.

[...] O carnaval de Belo Horizonte para mim é a democracia direta em ação, uma manifestação cultural horizontal de livre expressão, de caráter utópico e libertário, parodiando as grandes contradições sociais da nossa época com um “mundo ao revés”. Cortejando felicidade, comunhão e afeto, nesses dias somos visionários inaugurando formas de expressão a partir da integralidade entre corpo e alma, numa experiência que se renova na espontaneidade do gesto, desafia a velha lógica da exclusão e do capital e sinaliza para um outro mundo possível. Que tenhamos esse espírito de carnaval como uma prática cotidiana (LEITE, 2013).

Carlos Eduardo Frankiw de Andrade é graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP); doutorando em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pela USP.
E-mail: cafrankiw@hotmail.com

Artigo recebido em 22 de agosto de 2016 e aprovado para publicação em 13 de fevereiro de 2017.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, C. A. *“Ei, polícia, a praia é uma delícia”*: rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- ANDRÉS, R. O progresso avança pelo asfalto. *Revista Piauí*, São Paulo, dez. 2009. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-progresso-avanca-pelo-asfalto/>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- _____. O prefeito e os liberticidas. *Facebook*, Belo Horizonte, 25 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/randres/posts/10200350576322844?fref=nf>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- ARREGUY, C. A. C.; RIBEIRO, R. R. *Histórias de bairros de Belo Horizonte*: Regional Leste. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008.
- CARNAVAL DE RUA BH. *Facebook*, Belo Horizonte, 24 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/carnavalderuaBH/posts/861870960542776:0>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e de esperança*: movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CRUZ, L. PBH vai cadastrar ambulantes para carnaval 2015. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 jan. 2015. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/01/15/interna_gerais,608184/pbh-vai-cadastrar-ambulantes-para-carnaval-2015.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- CRUZ, M. M.; COUTINHO, J. F. Temporada de ensaios abertos para o Carnaval é intensificada em BH. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jan. 2015. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/01/11/interna_gerais,606791/uma-folia-espontanea-e-diversificada.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DIAS, P. L. C. *Sob a “lente do espaço vivido”*: a apropriação das ruas pelos blocos de carnaval na Belo Horizonte contemporânea. 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MMMD-A5AH8K>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- FRANÇA, B. Tico-tico Serra Copo faz desfile no São Geraldo em comunhão com moradores. *O Tempo*, Belo Horizonte, 15 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/hotsites/carnaval-2015/tico-tico-serra-copo-faz-desfile-s%C3%A3o-geraldo-em-comunh%C3%A3o-com-moradores-1.994660>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- GRAEBER, D. *Direct Action*: an ethnography. London: AK Press, 2009.
- GUIMARÃES, A. *Anarquismo e Ação Direta*. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16367/1/dis.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- HEMERSON, L.; LOPES, V. PM teme que blocos ‘escondidos’ coloquem segurança do carnaval de BH em risco. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 4 fev. 2015. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/02/04/interna_gerais,614604/pm-teme-que-blocos-escondidos-coloquem-seguranca-do-carnaval-de-bh-e.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- HOBSBAWM, E. *Era dos extremos*: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- JACQUES, P. B. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- KATSIAFICAS, G. *The subversion of politics: european autonomous social movement and the decolonization of everyday life*. Oakland: AK Press, 2006.
- KROPOTKIN, P. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005.
- LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- _____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEITE, F. “Se não posso dançar, esta não é a minha revolução”. *Palavras sobre coisas*, s. l., 19 fev. 2013. Disponível em: <<http://palavrasobrecoisas.blogspot.com.br/2013/02/mae-de-deus-sera-que-esses-olhos-sao.html>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- LIBERATO, L. V. *Expressões contemporâneas da rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista*. 2006. 269 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89294>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- LOPES, V. Carnaval de BH cresce e rouba foliões de cidades do interior com tradição carnavalesca. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 jan. 2015. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/01/17/interna_gerais,608833/carnaval-de-bh-cresce-e-rouba-folhoes-de-cidades-do-interior-com-tradi.shtml>. Acesso em: 29 MAR. 2017.
- LUDD, N. (Org.). *Urgência das ruas: Black Block, Reclaim The Streets e os Dias de Ação Global*. Porto Alegre: Conrad, 2002.
- OLIVEIRA, I. *Uma “praia” nas alterosas, uma “antena parabólica” ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte*. 2012. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9V6QVY>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- PEREIRA FILHO, H. F. *Glórias, conquistas perdidas e disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899 - 1936)*. 2006. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-6X5Q8C>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *História São Geraldo*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, s. d. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&cpIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=historia&tax=14431&lang=pt_BR&pg=5780&taxp=0&>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- RIGUEIRA, M. Belo Horizonte estreia pacotes turísticos para o Carnaval 2015. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 jan. 2015. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/01/08/internas_economia,606071/belo-horizonte-estrela-pacotes-turisticos-para-o-carnaval-2015.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- SARAIVA, Adriana Coelho. *Movimentos em movimento: uma visão comparativa de dois movimentos sociais juvenis no Brasil e Estados Unidos*. 2010. 258 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6974/1/2010_AdrianaCoelhoSaraiva.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- TICO TICO SERRA COPO. *Facebook*, Belo Horizonte, 1 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ticoticoserracopo/photos/a.651661128234654.1073741828.651617994905634/662711520462948/?type=1&theater>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- _____. *Facebook*, Belo Horizonte, 12 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ticoticoserracopo/photos/a.651661128234654.1073741828.651617994905634/863477533719678/?type=1&theater>>. Acesso em: 29 mar. 2017.